

Projeto URBISAmazônia

1ª REUNIÃO MICROESCALA

01/12/2011

VIA SKYPE
16:00 – SP
15:00 - Belém

LOCAIS:
INPE AMAZÔNIA, ITV-DS E
UFPA-BELÉM, NEPO-
UNICAMP-CAMPINAS, INPE-
SJC

| | |
|------------------------|--|
| COORDENAÇÃO DA REUNIÃO | Ana Cláudia Cardoso (ITV DS) |
| MOTIVO DA REUNIÃO | Reunião geral de alinhamento, marco do início das atividades do projeto para as ações na Microescala . |
| PESQUISADORES | Silvana Amaral, Isabel Escada (INPE-SJC), Ana Cláudia Duarte Cardoso (ITV-DS); Claudio Almeida (INPE Amazônia), Paula Bastos (UFPA) |
| BOLSISTAS ESTUDANTES | / Marcio e Ricardo Dagnino (NEPO), Claudia Nascimento (INPE Amazônia); Ana Paula Dal'Asta (INPE-SJC) |
| OBSERVADORES | |

I. BLOCO I – QUESTÕES PARA A MICROESCALA E NOVAS PROPOSIÇÕES.

A reunião foi organizada de forma que cada grupo, representado por um ou dois pesquisadores, falou das principais questões a serem abordadas, suas contribuições para o projeto, ações e possíveis pontos de contato entre os grupos.

INPE-SJC: Foi exposta a idéia de continuar o trabalho de definição de uma *Tipologias de Lugares* (pequenas unidades de ocupação humana) a partir da identificação e caracterização destas unidades com uso integrado de dados de SR, Censo e Campo. Um olhar que abrange também a possibilidade de caracterizar *formação em rede* que une estas unidades (vilas, distritos, assentamentos) e cidades. Silvana aponta uma dificuldade relativa a ter dados longitudinais apenas da região Tapajós e assim o melhor seria trabalharna Microescala com poucos focos.

Discussão:

Ana Cláudia pergunta para onde seria razoável a ampliação das áreas-foco de pesquisa. Silvana avalia que além da área do Tapajós, seria *ao longo na estrada de Novo Progresso, Transamazônica*.

Ana Cláudia pergunta em que medida o trabalho dos demógrafos pode ajudar. Na área URBIS-2, onde começa a Microescala, uma primeira questão é como se faz a evolução do ribeirão para a terra firme.

Ana Cláudia lembra que o Roberto do Carmo tem interesse em fazer alguns levantamentos para terem o registro da área antes da obra das barragens e poderiam atender outros municípios. O Ricardo Dagnino poderia comentar sobre o que é possível fazer dentro do que eles podem oferecer e afirma que mesmo dentro do recorte do URBIS-2 não será preciso varrer tudo, e que para isso, será necessário ouvir o Ricardo também.

Silvana aponta que os profissionais da demografia coletam muito mais informações que o grupo do INPE. Os questionários de campo do INPE são bem mais simplificados e objetivam observar a estruturação dos lugares e suas conexões. Ana Cláudia sugere que se faça uma correspondência para verificar variáveis comuns.

Ana Cláudia pergunta ao Ricardo de que forma poderemos entender as áreas pesquisadas e os perfis da população?

Ricardo responde que seu grupo está preparando uma série de materiais, e a idéia era fazer uma reunião presencial. Eles já têm preparado matrizes migratórias, *indicadores de migração tanto no nível micro, quanto no nível meso*, para fazer a caracterização que o URBIS precisa. Ricardo explica que as informações estão organizadas por município e por setor censitário e quem tem informações sobre as redes é o Márcio.

Ana Cláudia perguntou sobre as variáveis censitárias disponíveis. Ricardo explicou que entre 2000 e 2010 não tem informação sobre migrantes, talvez para 2010 se tenha esses dados. Paula perguntou ao Ricardo se ele irá trabalhar com RAIS Migra Ricardo respondeu que a RAIS Migra só oferece informações sobre as migrações formais, ou seja, as informais ficam de fora. Na ocasião, Ana Cláudia observou que Ricardo se refere a Altamira e perguntou se é possível cobrir a área do Tapajós? Ricardo informou que é possível.

De acordo com Cláudio, o *urbano* nasce do local e vai se desenvolvendo dentro do setor censitário. Parte do urbano extensivo já nasce *urbano*, então se faz necessário juntar as variáveis dentro das duas escalas, dados censitários e o que tem no campo.

Ana Cláudia explica que não existe mais diferenciação entre o urbano e o rural, a microescala é território livre, a questão das funções da comunidade é importante. Há uma função urbana na microescala. Outro ponto importante destacado por Ana Cláudia, é a conexão entre os lugares que modifica o entendimento sobre o território. Enquanto que a economia está atrelada a padrões culturais, ou seja, a economia sobrevive a partir do modo de vida. Que funções estão constituídas na micro-escala? Até onde vai a noção de campo e a noção de cidade?

Paula e Cláudia apontam para o *território* como a chave para que se sobreponha informações para explicar a característica desse urbano. Ana Cláudia, aponta a dimensão temporal, algumas comunidades são mais antigas, outras mais novas, e surgem os questionamentos: o que leva a esta mobilidade? Qual é o grau de estabilidade que estas comunidades tem hoje ali? Isso tende a desaparecer?

Síntese Pragmática:

A discussão foi rica e apontou uma forte necessidade de ajuste semântico para os grupos de microescala. A necessidade de um melhor conhecimento sobre as bases de dados censitárias, as bases de dados da economia e, muito importante, um conhecimento das abordagens metodológicas hoje presente nos grupos, é que estamos chamando aqui de **Ajuste Semântico** necessário e fundamental para o bom desenvolvimento do trabalho na **microescala**.

II. ENCAMINHAMENTOS E AGENDA

1. Troca de material para que os grupos se preparem para uma reunião em janeiro. (***adiada para fevereiro***). Importante:
 - a. NEPO: dar uma visão Geral dos aspectos principais sobre as bases que trabalha e a metodologia hoje empregada para tratar com dados secundários e com os *surveys* de campo; (censo foi preparado para pegar as grandes dinâmicas e tem no projeto o que vai mostrar as microtendências são os questionários.)
 - b. INPE-SJC: apresentar uma visão Geral dos aspectos principais sobre as bases de dados, métodos de integração de dados SR-Censitários-Ambientais, e esquema de Campo para coleta de informação de conectividade;

2. **Estudo de avaliação** das variáveis que são/seriam comuns aos estudos.

Novas questões que necessitam um encaminhamento de definição de ações específicas para o seu tratamento. (*Tarefa para Miguel e Ana*)

1. **A escala de análise** - para isso será importante relacionar variáveis de campo (comunidades amostradas) com dados dos setores censitários.
2. **Avançar além da dicotomia campo/cidade** - enfocando as funções urbanas operacionalizada através das redes. **Território** é a chave para sobrepor informações e explicar a *estabilidade/instabilidade* das comunidades: Porque se desenvolveram? vão desaparecer? como é a mobilidade?
3. **A questão da renda/produção:** alternativas econômicas, PIB/município, economia subterrânea (informal, censo não capta); diferenças de economias/padrões das localidades articuladas por rio e estrada; *Como? Com que Dados?*
4. **Relação entre dados censitários(setores) x dados de campo:** como tratar?